

A paz já não é mais possível

Luís Costa Pinto

Da equipe do **Correio**

Todos os integrantes da Executiva do PSDB, todos os ministros tucanos e o próprio presidente da República têm culpa da crise que consome o partido. Dono de imenso cacife político — administra a República, governa cinco estados da federação e detém a filiação do presidente da Câmara dos Deputados — o Partido da Social Democracia Brasileira age com imensurável amorismo na organização do próprio palanque à sucessão de Fernando Henrique Cardoso.

Primeiro, deixaram que o ex-governador cearense e ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes deixasse a legenda. Mário Covas, governador de São Paulo morto em março de 2001 em razão de um câncer, costumava dizer que a perda da filiação de Ciro tinha sido o primeiro de uma sucessão de erros que os tucanos cometeriam até o dia em que fosse escolhido o sucessor de FHC. Estava certo, como sempre.

Ciro discordava de algumas posturas adotadas pelo governo federal, de alguns programas, mas sempre firmou opiniões lúcidas que tensionaram o núcleo tucano. Desgarrado,

revelou-se um crítico incômodo do presidente e de seus ministros. Depois, o partido submeteu-se por muito tempo à gestão leve mas excessivamente frouxa do senador alagoano Teotônio Vilela Filho. Ele nunca brigou com ninguém, mas também jamais aniquilou as divergências internas entre os grupos que dividem o poder nacional da legenda nem tratou de dar coerência ao discurso e à prática dos diretórios estaduais dos tucanos.

Tendo recebido a missão de construir essa coerência partidária, o deputado José Aníbal não dispõe nem de tempo nem de sossego para executar a tarefa. Nos últimos seis meses de 2001 os tucanos deixaram que as brigadas leais a Tasso e a Serra atuassem fogo ao próprio partido. Enquanto assistiam a tudo de camarote, cren-do que das cinzas se faria a união, descuidaram de calibrar o tom das ofensas trocadas e das armadilhas montadas. Não há mais possibilidade de o PSDB celebrar a paz entre o governador do Ceará e o ministro da Saúde. No máximo, os bombeiros de ocasião — José Aníbal e Arthur Virgílio — conseguirão negociar uma trégua entre os dois políticos que, na legenda, reúnem as melhores biografias e os melhores projetos para disputar com Lula (PT) e Roseana (PFL) o direito de suceder a Fernando Henrique.